

UM DIA DE DOMINGO: PRESENÇA DA LITERATURA NO PERIÓDICO NOTICIOSO CARIOCA “CORREIO DA MANHÃ”

COSTA, Edson Tavares
Universidade Estadual da Paraíba
edsontavares5@hotmail.com

RESUMO: A necessidade de comunicação do homem vem desde os rapsodos da Grécia antiga, cantores andarilhos, que transmitiam notícias através dos poemas épicos que recitavam, como aconteceria, tempos depois, com os trovadores medievais. Com a escrita, observamos as tábuas expostas nos palácios romanos, a registrarem informações de interesse público, atividade ainda hoje remanescente em jornais-murais, pendurados em postes. Até que, no século XV, com a invenção da imprensa e a consequente facilidade de reprodução da escrita, a atividade jornalística começou a ter mais importância entre os povos, e, conseqüentemente, multiplicaram-se os leitores, notadamente os que já usufruíam da leitura de obras literárias. A parceria entre o jornalismo e a literatura rendeu bons frutos para ambas as atividades. As páginas dos periódicos funcionavam como espaço para publicação tanto do próprio texto literário, crônicas, poemas etc., como de notas acerca das obras, quando editadas. A visibilidade proporcionada pelo jornal é forte atrativo para os escritores divulgarem sua obra. Apesar de tal parceria ir se finando, principalmente a partir da segunda metade do século XX, ainda é possível perceber certa presença literária nos periódicos noticiosos. Pretendemos analisar, a título de amostragem, esse tipo de material literário, publicado em um dia de domingo, cinquenta anos atrás, no *Correio da Manhã*, noticioso carioca bastante conceituado nos anos 60 do século XX. Utilizaremos referenciais teóricos de Chartier (2007), Sodré (1966) e Darnton (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e jornalismo; Publicações; Imprensa.

1. Introdução

A necessidade de comunicação do homem vem de longas datas. Registramos essa ocorrência já nos rapsodos da Grécia antiga, cantores andarilhos, que, de aldeia em aldeia, transmitiam notícias através dos poemas épicos que recitavam, como aconteceria, tempos depois, com os trovadores medievais. Com a escrita, observamos as tábuas expostas nos palácios romanos, a registrarem informações de interesse público, atividade ainda hoje remanescente em jornais-murais, pendurados em postes, para leitura de todos que se interessarem. Até que, no século XV, com a invenção da imprensa, por Gutenberg, e a consequente facilidade de reprodução da escrita, a atividade jornalística começou a ganhar ares de mais importância, e, conseqüentemente, multiplicaram-se os leitores, notadamente os que já usufruíam da leitura de obras literárias.

Isso, entretanto, já por volta dos anos de 1600, traz certo desconforto, como salienta Chartier (2007, p. 144-5), traduzido no “fluxo contínuo de notícias, tão rapidamente esquecidas quanto recebidas”. O excesso de informações, de diversos lugares e temas, “gera a mais extrema confusão e revela o caos de um mundo no qual nada é estável, nem o curso da natureza, nem o destino dos homens”. De certa forma, com o passar do tempo, essa *enxurrada* noticiosa só tendeu a multiplicar-se, alcançando números e versões tão inimagináveis quanto difíceis de um discernimento seguro a respeito do que é, de fato, real, no que é anunciado. Neste excesso de notícias, o jornalista precisava delimitar seu espaço, e, segundo Darnton (2010, p. 79), como os leitores mais vorazes do repórter são seus colegas de redação e de profissão, haverá de existir um diferencial que o distinga dos demais. Por conta dessa multiplicidade informativa, as fronteiras da notícia enquanto expressão “fiel” de um acontecimento, e a literatura como produto de ficção, fruto da imaginação do escritor, vão ficando cada vez mais tênues.

Na França setecentista, vamos encontrar o *Journal Étranger*, dirigido pelo abade François Arnaud, e que, como afirma Chartier (2007, p. 251-2), era voltado para a divulgação de notícias literárias de outros países: “apesar de sua boa reputação internacional e o apoio de Suard e Turgot¹, esse periódico sairá de circulação depois de seu número de setembro de 1762 – exemplo, entre muitos outros, da vulnerabilidade dos jornais antigos cuja existência foi sempre muito efêmera”. Em terras tupiniquins, o jornalismo é inaugurado com o *Correio Braziliense*, de Hipólito José da Costa, que funcionou a partir de 1808 e até a morte de seu fundador, em 1823. Era editado em Londres, uma vez que, no Brasil, “na primeira década do século XIX, estava proibido o funcionamento de tipografias, por extensão, a existência de órgãos da imprensa escrita” (ZILBERMAN, 2007, p. 11).

É de importância considerável a divulgação de obras literárias em jornais; aliás, a parceria entre o jornalismo e a literatura sempre rendeu bons frutos para ambas as atividades. Barbosa (2007, p. 71) afirma mesmo que “a crítica literária nasceu nos periódicos brasileiros, primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas, do lançamento de livros, muitas vezes retirada de outros jornais, alguns estrangeiros”. Desde então, as páginas dos periódicos funcionavam como espaço para publicação tanto do próprio texto literário, sob a forma de folhetim, crônicas, poemas, contos etc., com possível posterior publicação em livros, como de notas acerca das obras, quando editadas. A visibilidade proporcionada pelo jornal sempre funcionou como forte atrativo para os escritores divulgarem sua obra. Estes “buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1966, p. 334).

Entretanto, essa opinião não é unânime. Nicolau Sevchenko lamenta que o jornalismo, no final do século XIX, início do XX, tenha desassossegado “os literatos mais ciosos de sua seara”, ao padronizar a linguagem e se utilizar praticamente de todos os escritores da época para trabalhar nas redações dos jornais:

Tendendo ao sufocamento da originalidade dos autores e contribuindo em definitivo para o processo de banalização da linguagem literária, suas baixas remunerações exigiam ainda uma facúndia e prolixidade tal dos escritores, que impediam qualquer preocupação com o apuro da expressão ou do estilo. (SEVCENKO, 1995, p. 100).

¹ Jean-Baptiste-Antoine Suard (1732-1817) foi escritor e jornalista, enquanto Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781) foi economista, ambos franceses.

De qualquer forma, o ingresso em massa dos escritores no jornalismo, algo que se manteve ao longo do século XX, e ainda hoje, deu-lhes certa independência em relação à classe abastada, que, desde tempos imemoriais, *mecenavam* os artistas, muitas vezes podendo sua criatividade em nome de seus interesses pessoais, familiares ou políticos. Com uma profissão, que lhe rendia algum dinheiro sem os separar das letras, e na impossibilidade de viver unicamente de literatura, os escritores encontraram nos periódicos uma saída honrosa para manter uma relativa liberdade de pensamento – ao menos agora as manipulações poderiam ser negociadas nos bastidores, e o escritor tinha algum poder de barganha.

2. *Correio da Manhã*: um jornal combativo

A passagem do século XIX para o XX, época de muito mais transições que apenas de centúria, assiste à mudança enfática, no que diz respeito aos jornais, que passam a ser e atuar como “empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função” (SODRÉ, 1966, p. 315). Há, destarte, uma forte transformação nas relações do jornal com o leitor, com os anunciantes, com a política, e, conseqüentemente, as matérias publicadas recebem um tratamento diferenciado. “O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias” (SODRÉ, 1966, p. 315). É importante perceber, entretanto, que este texto de Nelson Werneck Sodré data de quase meio século atrás; depois disso, naturalmente, muitas outras mudanças aconteceram nesse campo, como o surgimento recente e o domínio da *internet*, possibilitando a transformação de tais iniciativas individuais em *blogs* noticiosos e opinativos, que, a exemplo do que acontece nas cidades de maior porte, são órgãos de imprensa mais ágeis, interativos e custam muito menos – ainda que a concorrência tenha aumentado consideravelmente, exatamente por conta de tais facilidades.

Em 15 de junho de 1901, o jovem advogado Edmundo Bittencourt fundou o jornal *Correio da Manhã*, cuja primeira redação funcionou no prédio do antigo jornal *A Imprensa*, de Rui Barbosa. Bittencourt (1866-1943) era gaúcho de Santa Maria, e suas primeiras experiências com jornais deram-se ainda em Porto Alegre, onde colaborou em *A Reforma*, periódico pertencente a Silveira Martins. Depois de breve passagem por São Paulo, chegou ao Rio de Janeiro no ano da proclamação da república, formando-se em Direito e advogando ao lado de Barros Pimentel e Rui Barbosa. Este, no apagar das luzes do século XIX e primeiros meses do XX, manteve o jornal *A Imprensa*, no qual Bittencourt foi secretário, e de quem o gaúcho comprou “o material e arrendou o prédio da rua do Ouvidor, 117, dando início ao *Correio da Manhã* (...), que se caracterizou desde logo como jornal de oposição, o que lhe valeu grande prestígio nas camadas populares” (SODRÉ, 1966, p. 328-9).

Tendo como redator-chefe Leão Veloso Filho (conhecido como Gil Vidal), podemos perceber, desde o início, apreciados nomes ligados à literatura em seu expediente, como o crítico José Veríssimo, o poeta Carlos de Laet, os escritores Coelho Neto e Medeiros de Albuquerque, além do dramaturgo Artur Azevedo, dentre outros. No artigo editorial, que inaugurava esse periódico, podemos perceber a linha combativa assumida, repudiando a pseudoneutralidade de alguns órgãos de imprensa:

O *Correio da Manhã* não tem nem terá jamais ligação alguma com partidos políticos. É uma folha livre, que vai se consagrar com todo o ardor e

independência à causa da justiça, da lavoura e do comércio – isto é, à defesa dos direitos do povo, do seu bem estar e das suas liberdades.

A praxe de quantos até hoje se têm proposto a pleitear no jornalismo a causa do direito e das liberdades populares, tem sido sempre o começar por afirmar ao público a mais completa neutralidade.

O *Correio da Manhã* desgarrar-se dessa praxe.

Em seu bom senso, nas observações de cada dia, sobejamente sabe o povo que essa nota de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é, bastas vezes, um estratagema para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe e quer, deveras defender a causa do povo, do comércio e da lavoura, entre nós, não pode ser um jornal neutro. Há de, forçosamente, ser um jornal de opinião, e, neste sentido, uma folha política. Não da política [ilegível] e interesseira dos partidos; mas de uma política patriótica, nobre e sã, pela qual todo cidadão, qualquer que seja o seu partido, sejam quais forem as suas ideias, tem o dever de interessar-se porque é ela que resolve todos os problemas econômicos, jurídicos e sociais, no seio dela é que se agitam todas as manifestações da vida nacional, por isso os seus efeitos tocam em todos os topos da nossa vida, até os mais íntimos recantos. [Atualizamos a grafia] (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15/06/1901, p. 1)

Este jornal “vinha romper, definitivamente, o cantochão de louvores ao governo Campos Sales que presidia a política de estagnação, onerando terrivelmente as classes populares. Quebrava a placidez aparente, alcançada pelo suborno, pela sistematizada corrupção” (SODRÉ, 1966, p. 328-9), institucionalizada através da descarada compra da opinião da imprensa, até então reinante no país. De fato, o *Correio da Manhã* ajudou a derrubar a chamada velha República, inchada de tais expedientes, já que, “quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima” (*op. cit.*, p. 329).

3. Imprensa e Literatura

Podemos observar que, “entre os jornais que dão destaque às letras alinham-se, principalmente, o *Diário Mercantil*, de São Paulo; *O País*, desde 1884, o *Novidades*, entre 1887 e 1892, o *Correio do Povo*, em 1891, *A Notícia*, *A Imprensa*, ainda no século XIX; mas, quando entra o novo século, as folhas principais acolhem letras e letrados” (*op. cit.*, p. 335). Autores que frequentam as páginas literárias são inúmeros: Cândido de Figueiredo, Araripe Júnior, José Veríssimo, Olavo Bilac, Figueiredo Pimentel, Ramalho Ortigão, Carlos de Laet, Júlia Lopes de Almeida, Gilberto Amado, Oscar Lopes, Artur Azevedo, Paulo Barreto (sob o pseudônimo de *João do Rio*), para citar apenas alguns mais conhecidos.

O *Correio da Manhã*

não se descuida da parte literária; Melo Moraes Filho escreve sobre o Rio antigo, com os trabalhos reunidos depois no volume *Fatos e Memórias*; Artur Azevedo publica os seus contos leves; Heráclito Graça dá conselhos gramaticais, como Cândido Lago; outros colaboradores são Carlos de Laet, Guimarães Passos, Medeiros de Albuquerque, Antonio Sales, Bastos Tigre, Luís Edmundo, que pertence à redação; José Veríssimo faz a crítica literária;

é nela que aparece, a 31 de dezembro de 1902, o artigo que consagra *Os Sertões*, lançado dias antes. (SODRÉ, 1966, p. 336)

Vale salientar que é também no *Correio da Manhã*, que surgirão três nomes de destaque, principalmente a partir dos anos 40: os críticos literários Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, e o escritor e jornalista literário José Condé, este último, redator de uma das mais lidas colunas literárias, por quase duas décadas, “Escritores e Livros”, e ele próprio fundador, com os irmãos, João e Elysio Condé, de um jornal exclusivamente cultural: o *Jornal de Letras*.

Com nomes de reconhecido brilhantismo nas letras nacionais, como os aqui citados, o *Correio da Manhã* desponta como uma referência na imprensa carioca, ao longo de suas mais de sete décadas de circulação praticamente diária (não saía apenas às segundas-feiras). Embora a incidência de matérias culturais, notadamente literárias, vá se tornando exígua, com o passar dos anos, em busca de uma forma mais informativa que opinativa de fazer imprensa, percebemos, enquanto de sua existência, uma preocupação do *Correio* com essas questões.

Atividade obrigatória a todos que se pretendiam bem informados, a leitura do *CM* dizia muito das qualidades de análise crítica de seu leitor, seja ao longo da semana, seja principalmente aos domingos, quando circulava uma edição mais densa, com mais opções, desde o noticiário corriqueiro até as colunas especiais.

4. Folheando o jornal

Domingo era o dia especial para a família; todos em casa, reunidos, constituía-se em momentos de partilha, de atualização e comentário das novidades. Normalmente, o dia começava com a leitura do *Correio da Manhã*, integral ou em partes: havia quem preferisse apenas passar uma vista nas manchetes; outros, as notícias internacionais; outros, a página esportiva; a criançada se divertia com os quadrinhos e os jogos; havia um caderno de moda e colunas sociais; também trechos dedicados à saúde; e, naturalmente, um espaço dedicado à **literatura**, seja à crítica, às notas sobre autores e livros, ou mesmo a textos literários, em prosa ou poemas. É especialmente sobre este assunto que tratamos neste artigo: folharemos a edição nº 21.670 do jornal carioca, no domingo, dia 24 de novembro de 1963, há exatos cinquenta anos, para flagrar-lhe o que se publicou, nesse dia, em termos de literatura, não sem antes passar uma vista nos principais assuntos que compunham esta edição, formada por 7 cadernos e 102 páginas.

Praticamente toda a primeira página foi dedicada à repercussão do crime que abalara o mundo, dois dias antes: o assassinato do presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy. A manchete de destaque dessa edição trata do pedido da promotoria de Dallas, Texas (USA), de pena de morte para Lee Oswald, que assassinara Kennedy: “Pena de morte para Lee Oswald”. Encimando a matéria, duas fotos: uma do “premier” da então União Soviética Nikita Kruchev, em visita à embaixada russa dos Estados Unidos, a prestar condolências pela tragédia; e outra, um flagrante do momento exato em que o presidente Kennedy foi atingido, com uma detalhada explicação na legenda, procurando suprir a sofrível qualidade da foto. As demais manchetes da capa tratavam do mesmo assunto: “Estadistas europeus no funeral de Kennedy”; “Cuba: profunda tristeza” – embora de opiniões antagônicas, a ilha lamentava o

acontecimento; “URSS: indignação e dor”. Estas duas últimas breves notas, remetiam para desenvolvimento na página 4 do periódico.

Outra morte registrada pelo jornal, em pequena nota da primeira página, foi a do romancista americano Aldous Huxley, autor de *Admirável mundo novo*, informando, ainda, que, “na primeira página do segundo caderno publicamos amplo comentário sobre o escritor desaparecido, de autoria de Van Jafa”.

A página 2 do primeiro caderno, como de praxe, era dedicada a informes políticos e a 4, como prometido na capa, foi toda dedicada a diversos aspectos e detalhes relativos ao crime de Dallas. Entre as duas folhas, uma propaganda de página inteira sobre um empreendimento imobiliário de classe alta, no bairro da Tijuca – curiosamente construído a partir da foto de um cachorrinho da raça *poodle*, a identificar a quem se dirigia o anúncio: às famílias ricas, geralmente possuidoras deste animal de estimação. Mais notícias políticas e a tragédia americana, na página 6. Na seguinte, apenas uma matéria sobre a tabela de preços definida para o baile de gala do Teatro Municipal, no carnaval de 1964. O restante das folhas do 1º caderno presta-se a matérias sobre os mais diversos assuntos, ressaltando o da morte de Kennedy, colunas e pequenas notas, além de considerável número de anúncios, alguns de página inteira.

O segundo caderno, composto de matérias mais “amenas”, apresenta, além de textos ligados à literatura – sobre os quais comentaremos adiante –, colunas e notícias sobre teatro e música (pág. 3), notas sociais e sobre ciências (pág. 4), reclamações sobre o estado das ruas da cidade (pág. 5), uma extensa matéria sobre o Líbano, assinada por Mansour Challita, além de uma pequena nota sobre a morte do ator francês Pierre Blanchard (pág. 6). A página 7, intitulada “Discoteca”, assinada por Claribalte Passos, é dedicada à indústria fonográfica, com destaques para Carmélia Alves, Zé Trindade, Gilda Valença, Leda Barbosa, Alda Perdigão, José Ragteli, Jair Rodrigues e Marion Duarte. A greve dos radialistas e outras notícias do rádio destacam-se na página 9 deste caderno do *CM*. A partir da página 11, o noticiário esportivo. A coluna de cinema de Gilberto Souto ocupa boa parte da página 14, enquanto a 15 é destinada a “Economia e Finanças” e a 16 a colunas fixas de Ensino, Aviação, Odontologia e outros temas. Toda a página 17 se ocupa do turfe, esporte de elite no Rio de Janeiro dos anos 60.

O terceiro caderno é composto pelos classificados de imóveis e automóveis, além de uma segunda parte dedicado ao turismo. Já o quarto caderno é mais analítico, com matérias um pouco maiores. Inicia-se com a página “A Semana”, assinada por Guima. As duas páginas seguintes são utilizadas para evidenciar a morte de John Kennedy. Na quinta e seguintes, diversões: palavras cruzadas, xadrez, dama, televisão, cinema...

O quinto caderno denomina-se “Feminino”, dando o tom de suas matérias, a princípio dedicadas às mulheres. A matéria de capa desse caderno traz reportagem sobre Darcy Vargas, viúva do ex-presidente Getúlio Vargas, e Dinah Paranhos, damas da sociedade empenhadas em obras sociais. Moda, dicas de maquiagem, decoração natalina, horóscopo, moldes de roupas, receitas e variedades, além da natural homenagem à recém viúva Jackeline Kennedy, são outros assuntos presentes nas 10 páginas desse caderno. Por outro lado – o *lado* masculino, supomos –, Economia é o tema do sexto caderno, com notícias dessa área e muitos anúncios de maquinaria em geral. Finalmente, vem o Suplemento Infantil, com fatura de histórias em quadrinhos, de personagens famosos, à época: Feiticeiro da Floresta Encantada, Carequinha, Dom Pedrito, Dr. Kildare, Tia Amélia, Moco, Jef Cobb, Mutt e Jeff, Lola – a Gatinha, Pafúncio, Aninha, Vovô João, Cisco Kid, Red Ryder, O Professor, Honor Eden, Buck Gerais, entre outros.

Como podemos perceber, o periódico carioca mantinha uma política de despertar o interesse de toda a família, principalmente na volumosa edição dominical, com quase três vezes mais páginas que os demais dias da semana, já que não circulava às segundas-feiras. Não é por outro motivo, decerto, que o *Correio da Manhã* monopolizava a atenção do público leitor, e era uma vitrine desejada por quantos queriam se fazer notados no Rio de Janeiro e restante do país.

5. Literatura no *Correio da Manhã*

No dia 24 de novembro de 1963, o *Correio da Manhã* apresenta onze registros ligados à literatura, assim distribuídos, segundo taxonomia nossa, para mero aproveitamento neste texto:

- a) Pequenas notas: 3
- b) Matérias mais robustas: 3
- c) Crônicas de escritores e críticos: 2
- d) Artigo: 1
- e) Coluna: 1
- f) Texto literário: 1

Passemos a comentar cada conjunto de ocorrências acima apresentadas.

O que chamamos de “Pequenas notas” trata-se de informações rápidas, incrustadas em recantos da página, sobre os mais diversos assuntos. As três notas aqui levantadas falam sobre a formação de uma comissão para organizar os festejos comemorativos ao centenário do poeta Gonçalves Dias, informações sobre um concurso de poesia e a referência literária numa coluna de variedades. Vejamos o teor de cada nota:

O governo do Estado do Maranhão nomeou uma Comissão destinada a coordenar, no âmbito estadual, as providências relativas à organização dos festejos comemorativos da passagem do primeiro centenário da morte de Gonçalves Dias, a verificar-se em 1964. A Comissão tem a presidência do governador do Estado, dr. Newton Bello, e está composta do secretário de Educação e Cultura, padre Ribamar Carvalho, que é o seu diretor executivo; do secretário das Finanças, prof. Jesus Ribeiro; do diretor do Departamento Estadual de Cultura, prof. Domingos Vieira Filho; do deputado estadual Aldeny Silva; do diretor do Departamento de Turismo e Promoção do Estado; do representante da Academia Maranhense de Letras, escritor Mário Meireles; do representante do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, prof. Rubem de Almeida, e dos escritores maranhenses Reis Perdigão e Fernando Perdigão. [*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23/11/1963, 2º cad., p. 10]

Como podemos ver, apesar de instalado no Sudeste, o jornal carioca mantinha correspondentes em vários lugares do país, dos quais recebia notícias constantemente, como atesta a nota acima, acerca de um acontecimento político-literário no extremo Nordeste do país. A nota resume-se, entretanto, aos nomes que comporão a Comissão do centenário do poeta maranhense, sem maiores detalhes sobre o evento.

Enquanto isso, na coluna não assinada “De homem para homem”, colocada na página 4 do 4º caderno, há quatro notas relacionadas à literatura:

Na Embaixada Americana, Jorge Amado assina contrato com a Metro cedendo àquela companhia todos os direitos de filmagem de “Gabriela Cravo e Canela”. Harry Stone entre os presentes.

Entusiasmado com a boa receptividade de seu primeiro livro “Lafont conta sua história”, o conhecido florista está preparando uma outra coletânea de crônicas que pretende mandar imprimir o quanto antes.

E já que estamos falando em livros, um registro especial para “Fotopotocas”, misto de livro-revista de Ziraldo e que foi editado por Rubens Oliveira. Sem qualquer bairrismo, pode-se mesmo dizer que quase todas as legendas “boladas” por Ziraldo para “aquelas” fotos estão mesmo melhores que as do “Mad” e do “Help”.

Sérgio Porto, Rubem Braga, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Rezende, Manuel Bandeira estarão autografando amanhã, nos Marimbás, livros recentemente lançados pela Editora do Autor. Por esse motivo, Ricardo Ramos adiou para sexta-feira, 29, no Gread, o lançamento de “Rua Desfeita”.

Além da nota sobre a cessão dos direitos autorais para o cinema americano da obra mais conhecida de Jorge Amado, e da série de lançamentos de publicações de escritores naquela semana, registramos dois trechos falando especificamente sobre livros, numa espécie de breve comentário acerca das obras de Lafont e de Ziraldo – neste caso, fica nítido o caráter de propaganda dos volumes, uma vez que as notícias são meramente de divulgação, não havendo qualquer acontecimento especial em relação ao que é comentado. Esse expediente era muito usado, em noticiosos dessa época.

Finalmente, na página seguinte, em meio a jogos de dama e xadrez, palavras cruzadas e cartazes de cinema, a nota sobre o resultado de um concurso de poesia:

“Ao ver-me ficaste mudo / tentando o amor esconder, / mas teu olhar disse tudo / que a boca não quis dizer.” Com esta trova, Lourdes Póvoa Bley, autora do livro “Líricas e humoradas”, edição Freitas Bastos, obteve o primeiro lugar no concurso de trovas com o tema “Olhar”, organizado pelo Clube Municipal. Tiveram também primeiros lugares os poetas: Durval Mendonça, Colbert Rangel Coelho, Iracy Nascimento, Filemon Amador, Agmar Dutra e Aley Ribeiro Soto Maior. Muito brevemente outro livro da poetisa Lourdes Póvoa Bley com o título “Cantigas de minha vida”.

Notícias mais detalhadas são as que dão conta da opinião do historiador Hélio Silva a respeito da proclamação da República; da visita do escritor Arkady Fiedler ao Brasil; e da morte do autor Aldous Huxley.

A primeira (na página 5 do 1º caderno), sob o título “Deodoro surpreendeu EUA”, trata-se de uma entrevista do historiador Hélio Silva sobre a reação dos Estados Unidos diante da proclamação da república brasileira, em 1889. Afirma a reportagem que, segundo Silva, o evento político “não surpreendeu apenas o Brasil, inclusive o próprio imperador Pedro II, mas, também, o Departamento de Estado norte-americano, que não estava suficientemente preparado para a notícia que acabou com a monarquia no país [sic]”. Procurando-se relevar o truncado da frase – na verdade, os Estados Unidos não estavam preparados suficientemente para a notícia do fato que acabou com a monarquia, já que foi este, e não a notícia, que provocara a derrocada do império –, havemos de convir ser uma revelação interessante, principalmente publicada pouco mais de uma semana depois do 74º aniversário do regime

republicano, e, coincidentemente, no momento em que o próprio jornal informa estar o jornalista e historiador escrevendo uma grande obra denominada “História da República”, em 12 volumes ilustrados, abrangendo todos os acontecimentos, desde Deodoro até João Goulart”.

Acrescenta Hélio Silva, que “o mais sincero republicano era o próprio imperador e que o advento de um terceiro reinado, a ser exercido por uma princesa, tornava-se o mais forte argumento em favor da proclamação. A abolição ou a questão militar precipitaria, apenas, uma crise fatal”. A matéria, entretanto, termina abruptamente, denunciando claramente ter sido cortada por ausência de espaço, quando sentimos falta de um fecho mais esclarecedor: “Ocorreu, entretanto, que o governo não foi entregue a um civil”.

A segunda matéria encontra-se na página 14 do 1º caderno, e aborda a quarta visita do escritor polonês Arkady Fiedler ao Brasil, “para conhecer os costumes dos índios brasileiros, pelos quais se interessa”. O estrangeiro tem como foco, desta feita, a ilha do Bananal, em Goiás. A continuação da reportagem apresenta um Fiedler bastante leigo, em relação ao país que visita, já que “admira o Brasil”, conhece um pouco das obras de Jorge Amado, “sobre o qual, no entanto, não tem opinião formada”, considera corajosa a arquitetura brasileira e o nome de Oscar Niemeyer “lhe é familiar” – revelando-se, assim, mais um típico turista que um estudioso do país. “Além dos índios, trouxe-o ao Brasil uma vontade de maior contato com o povo, sentir o clima de Brasília, ‘e conversar com os brasileiros e também as brasileiras’.” Notamos, claramente, a superficialidade da reportagem, que não trouxe qualquer informação mais consistente a respeito do visitante, além do fato de que suas obras estão traduzidas em 16 idiomas. A matéria encerra-se com o óbvio: “Quando regressar à Polônia pretende escrever sobre o Brasil”.

A matéria mais extensa, no campo literário, nesta edição, é a que trata da morte de Aldous Huxley, estampada na primeira página do 2º caderno, conforme prometido na capa, e assinada pelo conhecido jornalista Van Jafa. Com o econômico título “Morreu Aldous Huxley”, o texto, ilustrado com uma grande foto do escritor, informa sobre a causa-mortis do autor de *Admirável mundo novo*, aos 69 anos: câncer. Em seguida, tece generalidades sobre sua vida e obra, afirmando que “influenciou mais de uma geração com sua lucidez e seu poder de crítica ímpares”. Em seguida, o jornalista aborda considerações acerca do romance de Huxley *Contraponto* (1928), ressaltando ser sua obra mestra. Traduzido no Brasil por Érico Veríssimo, é, na opinião de Jafa, “um dos mais perfeitos estudos da sociedade inglesa, nas suas várias camadas”. Evocando novamente a lucidez do escritor britânico, a matéria discorre sobre o “essencialmente profético” *Admirável mundo novo* (1932), romance que enfoca a questão de “homens fabricados”.

Neto e irmão de cientistas, informa a matéria, Huxley “foi o primeiro romancista a introduzir a ciência na ficção, com propósitos e determinações exatas e vitoriosas”. Prosseguindo, Van Jafa, com o curioso subtítulo “Cegueira”, informa sobre a forte miopia de que o autor era acometido, e que este morou na Itália e na Califórnia (USA), onde faleceu. No item seguinte, a notícia volta a falar sobre os livros de Huxley, ressaltando, exageradamente, que são “conhecidos e traduzidos em todas as línguas, inclusive o português”. A última parte da reportagem enfoca a participação de Aldous no teatro e no cinema, para concluir que “sua perda é das mais irreparáveis para a cultura universal, pois (...) foi responsável por um dos momentos mais fecundos da ficção contemporânea”.

Nesta mesma página (1 do 2º caderno), há um artigo do jornalista e escritor Octavio de Faria, que menos de dez anos depois seria eleito para a Academia Brasileira de Letras; o texto, que integra a coluna “Testemunhos”, do futuro acadêmico, emite comentários a respeito

da também jornalista e escritora Maria Alice Barroso – recentemente falecida (2012). O artigo, cujo título é o nome da enfocada, tem início falando sobre a fria recepção, por parte da crítica literária, de seu primeiro livro *História de um casamento*, que, “se não tinha, como ‘revelação’, o peso de um ‘O Quinze’, de Rachel de Queiroz (1930), nem o de um ‘Perto do coração selvagem’, de Clarice Lispector (1943)”, tratava-se do primeiro trabalho de uma autora “que não podia ser deixada na penumbra”, em função de suas qualidades de ficcionista, muito embora o articulista tenha-lhe reconhecido ranços de um “fácil e detestável preconceito antimasculino”.

Em seguida, Faria apresenta o que parece ter sido o motivo do artigo – o lançamento do mais recente livro de Alice Barroso, *Um simples afeto recíproco*, sobre o qual afirma, com certo alívio pelo progresso da escritora, em relação ao primeiro: “quase tudo é medida e acerto, plenitude de domínio técnico e emoção plena, não perturbada por preocupações gráficas ou ‘achados’ de técnica ultramoderna”. Encerra o texto lamentando o pouco que falou sobre o livro de Alice Barroso, justificando a falta de mais espaço, mas prometendo voltar a se ocupar dele em breve.

Curiosamente, dois nomes ligados intimamente à literatura, um como crítico outro como poeta, trazem textos voltados para a política. Otto Maria Carpeaux, na página 4 do 1º caderno, sob o título “Não se ligar” – aproveitando uma frase de Charles de Gaulle, em suas *Memórias* (“Ne pas se lier”), utilizada por Michel Debré, num artigo replicando Robert Aaron, no jornal francês “Figaro” – tece comentários acerca da situação política da França, tendo como motivação o recente debate em que os dois articulistas participaram.

Por outro lado, Carlos Drummond de Andrade toma como tema de seu texto o recente assassinato do Presidente americano John F. Kennedy, e, num artigo intitulado “Tragédia americana”, na coluna “Imagens do homem”, do escritor mineiro, que aparece muito esporadicamente, reflete sobre as motivações dos assassinatos políticos, ressaltando que “quanto mais ilustre for a vítima escolhida, mais projeção ganhará, supostamente, o seu algoz”.

Um espaço eminentemente literário, nesta edição do *Correio da Manhã*, é preenchido por um conjunto de nove trovas, sob o título “Trovas na vitrine”, na página 18 do 2º caderno, e que aqui transcrevemos:

Um triste amor como aquele / nunca mais eu sinta um dia; / pensei que
vivesse dele / e era dele que eu morria... (Walter Waeny)

Por que tal palavra existe / e a paz no mundo consome?... / Entre o que sei de
mais triste, / nada mais triste que “Fome”! (Durval Mendonça)

Se eu fosse pobre, se eu fosse / mais uma esperança morta, / ouviria uma voz
doce, / se batesse alguma porta? (Zalkind Piatgorsky)

Satanás, cheio de dores, / contam velhos pergaminhos, / pôs na beleza das
flores / a maldade dos espinhos. (Affonso Louzada)

“Rais do mal é o dinheiro!” / diz todo mundo em voz alta; / porém o mal
verdadeiro, / hoje em dia, é sua falta. (Tobias Jucá de Castro)

Tenho duas belas provas / de que Deus muito me quer: / deu-me o dom de
fazer trovas / e me fez nascer mulher! (Augusta Campos)

Muita gente que tem casa / rica e de bela aparência, / na verdade, não tem lar, / mas apenas residência. (Heribaldo Barroso)

Ouvi um cão indigente / ao meu buldogue inquerir: / – O teu dono é inteligente? / – Se é? Só falta latir! (Oldemar de Andrade)

A saudade vem de leve / nos momentos em que cismo, / e a saudade é quem escreve: / sou, apenas, mecanismo... (Delmar Barrão)

À exceção das três primeiras, as demais trovas são enviadas pelos leitores para o endereço do responsável pelo espaço, oportunizando aos poetas anônimos publicarem seus versos nas páginas do *Correio*, após devida seleção: “das enviadas selecionaremos as melhores para a ‘Colaboração do Leitor’”. Abaixo das quadras, há uma pequena nota, informando sobre livros que estão no prelo e que em breve serão lançados pela Livraria Freitas Bastos: *Rosa rubra*, de Aparício Fernandes; *Enquanto a cigarra canta*, de Colbert Rangel Coelho; e *Flauta de cana*, de Zalkind Piatigórsky.

Finalmente, tratamos da coluna literária, privilegiado espaço de divulgação de eventos culturais, lançamentos de livros, notícias de escritores, informações diversas ligadas ao mundo da literatura: “Escritores e Livros”, de José Condé. Nesta edição, abre-se com uma caricatura de Álvaro Lins – sem qualquer ligação com nota alguma publicada nessa edição –, e a matéria principal traz o título “Letras no mundo”, é assinada por Augusto Bandeira, que transcreve o depoimento de Otto Hahn, na revista francesa *L’Express* (criada em 1953), a respeito da edição póstuma de *Obras Completas*, do filósofo francês Emmanuel Mounier (1905-1950), complementando com o seguinte comentário: “Emmanuel Mounier foi, em resumo, um grande cristão, partidário menos de sistemas do que das vias estreitas, difíceis ou heroicas, no sentido menos fascista deste último termo”.

A seguir, a coluna traz uma “Notícia do Ceará”, repassada ao colunista pelo poeta José Alcides Pinto, recém-chegado de Fortaleza, dando conta de um Curso de Literatura realizado pela Universidade do Ceará, em convênio com a Academia Cearense de Letras, bem como ressaltando “a atuação importante de jornais como o ‘Unitário’, ‘Correio’ e ‘Tribuna do Ceará’, que aumentam seus cadernos, criam suplementos e colunas especializadas, vizando [sic] divulgar cada vez mais as coisas da cultura”, demonstrando, assim, que se espalhava pelo país essa preocupação em utilizar os periódicos para o registro e divulgação cultural, notadamente literária.

Seguindo, com o título “Estudos”, Condé fala sobre o livro *Velhos companheiros e outros estudos*, livro de artigos do escritor sergipano J. A. Nunes Mendonça, “abordando os mais diferentes temas, literários, políticos, educacionais etc., dos quais destaco especialmente os dedicados a Whitman e Dostoiewski”. A nota é encerrada com a transcrição de comentários enviados ao colunista pelo próprio autor, dando conta das dificuldades que representam a publicação de livros em Sergipe. Prosseguindo, há uma transcrição de alguns trechos daquilo que o colunista chama de “já manjadíssimo ‘questionário de Proust’”, aplicado ao romancista francês Roger Vailland, e publicado no *Jornal de Letras e Artes*, de Portugal. Notemos a abrangência dos temas literários abordados por José Condé em sua coluna “Escritores e Livros”, enfocando registros da França, Portugal, Ceará e Sergipe.

Finalizando a coluna, uma série de notas, sob o título de “Rápidas”. A primeira delas, fala sobre o lançamento de *Rua Desfeita*, de Ricardo Ramos e da segunda edição de *O Lustre*, de Clarice Lispector. Aqui, percebemos um equívoco na notícia de Condé: como percebemos na página 4, do quarto caderno (acima referida), o filho do escritor Graciliano Ramos transferira o lançamento do seu livro de contos para a sexta-feira seguinte (dia 29), em

função de uma série de outros lançamentos, que se dariam no dia seguinte. Provavelmente o jornalista de “Escritores e Livros” não recebeu a tempo a informação da mudança de data, gerando a ambiguidade de duas informações antagônicas na mesma edição do jornal. Salientemos que, ilustrando as duas notas, tanto a da coluna de Condé, quanto a “De homem para homem”, há a mesma foto de Ricardo Ramos, apenas em tamanhos diferentes.

Outras notícias “rápidas”: a instalação do Colóquio sobre a Amazônia, patrocinado pela Casa do Estudante do Brasil, que se daria no dia seguinte; a informação de que Tristão de Athayde iria prefaciar o estudo de Hermenegildo de Sá Cavalcante, sobre a árvore genealógica de Marcel Proust, a ser publicado ainda naquele ano; o livro *Problemas Sociais Contemporâneos*, de W. di Biase, aparece como uma “novidade da [Editora] Pongetti”; e a nota de que o livro estrangeiro mais vendido nas livrarias do Rio de Janeiro é o romance de Morris West, *As sandálias do pescador*.

A coluna se encerra com versos de Cecília Meireles (que faleceria no ano seguinte): “Quero silêncio de estrelas, / Voz sem promessas do mar.”, e o endereço do colunista “para remessa de livros”, do que deduzimos ser uma prática constante José Condé receber obras dos escritores para divulgação, reafirmando, assim, a importância de espaços como este para a divulgação de obras literárias publicadas no Brasil e no mundo.

Registramos, ainda, a coluna “Coisas do Português”, assinada por Jotabê, que não se trata especificamente de uma coluna literária, mas de linguística, embora acuse o recebimento do livro *Poesias completas de Laurindo Rabelo*, “coligidas e anotadas por Antenor Nascentes”, mas tão somente para apontar uma má colocação pronominal acentuada por Nascentes, na poesia de Rabelo.

6. Considerações finais

A despeito das mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro, nas últimas décadas da primeira metade do século XX, tempo até quando os jornais eram mais opinativos e com mais espaço às artes, especialmente a literária, para, a partir daí, buscarem uma linha mais noticiosa, que julgavam mais *neutra*, podemos registrar, nos anos 60, uma presença ainda marcante da literatura – embora, seguindo a nova linha editorial adotada, haja mais informações literárias que textos literários propriamente ditos, em suas páginas.

Se antes, como afirma Megid², “os diversos textos presentes em um mesmo jornal compartilham características com relação tanto à forma (uma vez que a imprensa brasileira do século XIX tinha um caráter literário muito forte) quanto às ideias que se pretendia difundir nessas publicações”, agora há uma como autonomia dos textos literários em relação aos suportes em que são publicados, uma vez que assumem, como as demais matérias, um caráter mais noticioso.

Não há como negar a força midiática do jornalismo, efetivada pela divulgação e traduzida em conhecimento do autor e consequente vendagem de exemplares publicados. Daí

² MEGID, Daniele Maria. A literatura na imprensa: uma análise de *Iaiá Garcia* no jornal *O Cruzeiro*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

[<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Daniele%20Maria%20Megid.pdf>, acesso em 21/08/2013]

porque as redações dos grandes jornais eram chamarizes para escritores que se pretendiam lidos, e os espaços – sejam as generosas primeiras páginas de cadernos culturais, sejam as colunas assinadas por importantes literatos, sejam mesmo as pequenas notas impressadas entre anúncios e grandes matérias – tais espaços eram avidamente desejados, e por eles se estabelecia surda (ou nem tanto) busca.

Folheando uma edição de cinquenta nos atrás, do *Correio da Manhã*, jornal carioca dos mais procurados pelos leitores, constatamos a exígua presença de matérias ligadas à literatura, e a praticamente inexistente publicação de textos literários em suas páginas. A constatação exige um debruçar-se diacrônico sobre o fenômeno jornalístico, no tocante à arte literária em sua constituição, senão de maneira mais ampla, ao menos ao longo dos anos de publicação e circulação do *Correio da Manhã*, empreitada que pretendemos abraçar com a brevidade que os afazeres e as condições estruturais permitirem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre-RS: Nova Prova, 2007.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura**. Trad. de Luzmara Cursino Pereira. São Paulo: Unesp, 2007.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ZILBERMAN, Regina. O jornal e a vida literária brasileira. *In*: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre-RS: Nova Prova, 2007, p. 11-13.